

ESTÉTICA E POLÍTICA

BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LEONARDO BARROS MEDEIROS

*Doutorando em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino
da Universidade de Coimbra, bolsista da CAPES – Proc. n.º 0981/13-3*

RETRATOS DE SÃO LUÍS: SENTIMENTO DE PROVINCIANISMO NA POESIA DE FERREIRA GULLAR

Resumo

O presente trabalho traz para a discussão acadêmica o sentimento de provincianismo na poesia de Ferreira Gullar, ou seja, apresentaremos a representação urbana nos poemas de Gullar, principalmente os desenhos da cidade de São Luís do Maranhão e da cidade do Rio de Janeiro. Percebemos que em alguns poemas, que foram usados como ilustração do trabalho, Gullar apresenta São Luís como a cidade do isolamento, do desconhecimento, do atraso, da “sujeira”, ao contrário do Rio de Janeiro em que emanam na poesia o eu lírico maravilhado diante da cidade, da evolução, do reconhecimento artístico. As imagens que Ferreira Gullar utiliza para ilustrar a cidade do Rio de Janeiro não se aproximam das utilizadas ao se referir à ilha de São Luís. Assim sendo, o cosmopolitismo presente na poesia de Gullar representa o sentimento de modernidade, ou seja, o estar num lugar em que a sociedade é mais desenvolvida.

Palavras-chave: Ferreira Gullar, Poesia, Cidade, Literatura Brasileira, Poética.

Abstract

This work brings to the academic discussion the feeling of provincialism in the poetry of Gullar, ie, we present the urban representation in Gullar poems, especially the drawings of the city of Sao Luis and the city of Rio de Janeiro. We realize that in some poems, which were used as illustration work, Gullar presents St. Louis as the city of isolation, ignorance, backwardness, “dirty”, unlike in Rio de Janeiro emanating in the lyrical poetry amazed against the city, the evolution of artistic recognition. The images that Gullar uses to illustrate the city of Rio de Janeiro do not approach those used in referring to the island of São Luís Therefore, this poetry Gullar cosmopolitanism is the feeling of modernity, ie being a place in that society is more developed.

Key-words: Ferreira Gullar, Poetry, City, Brazilian Literature, Poetics.

Apresentação

Pretendemos trazer para a discussão acadêmica a representação urbana refletida na poesia de Ferreira Gullar e para que isso ocorra, apresentamos duas principais cidades que marcam a obra do poeta: São Luís e Rio de Janeiro. A primeira, cidade natal, desenhada principalmente no livro *Poema Sujo*, publicado em 1975, será apontada e melhor analisada junto com a segunda, cidade atual, para revelar as relações urbanas que provavelmente o poeta possui com cada uma. Pretendemos demonstrar nesta pesquisa como a poesia é um imenso campo de significação da cidade e de certa maneira mostrar como a literatura traz para si o desejo de urbanidade.

José Ribamar Ferreira nasceu em 1931, em São Luís, no estado do Maranhão. Nesta mesma cidade, publica seu primeiro livro de poesia, *Um pouco acima do chão*, em 1949. Passada toda sua infância e adolescência em sua cidade natal, Gullar muda-se para o Rio de Janeiro em 1951, buscando completar-se, conforme nos relata:

Ja para a Biblioteca Municipal e só lia poetas maranhenses. Todos os demais poetas, mesmo brasileiros, não me despertavam o menor interesse. Um dia, não sei bem quando, descobri a existência do resto do mundo – as grandes cidades distantes –, e desde então passei a sentir-me vivendo à margem da história. São Luís do Maranhão, minha cidade, com seus dias luminosos e azuis, mantinha-me entre o deslumbramento e o desespero: a vida era bela e destituída de propósito. A literatura, que me prometia uma resposta para o enigma da vida, lembrava-me a morte, com seu mundo de letras pretas impressas em páginas amarelcidas. Compreendi que a poesia devia captar a força e vibração da vida ou não teria sentido escrever. Nem viver. Mergulhei assim numa aventura cujas consequências eram imprevisíveis (GULLAR; 2006, p. 148).

As marcas da aventura impregnaram sua obra. Assim sendo, a biografia de Gullar pode ser aqui apreciada em relação à luz que projeta sobre o próprio produto da poesia. Neste depoimento já podemos sentir a relação truncada que o poeta possui com sua cidade natal. Há no depoimento do poeta um sentimento de repulsa pela sua cidade: “Primeiramente fugi. Fugi da quitanda, fugi da família, da vida sufocante e pouca. Fugi pela poesia, inventei um mundo feérico” (2006; p. 142).

O desejo de sair de sua cidade é o desejo estar na modernidade, de sentir-se moderno e de construir a liberdade.

Berardinelli (2007) diz que:

Cosmopolitismo e provincialismo são desde há muito tempo categorias sobretudo valorativas. Se não um juízo estético de valor, nelas está implícito um julgamento preliminar e mais temível de *adequação* histórica. Em poucas linhas, esse julgamento poderia ser assim definido: a arte moderna é cosmopolita; a arte provinciana não é moderna, não é atual, mesmo admitindo nela a presença de qualidades artísticas tradicionais (p. 59).

Por considerar a arte de sua cidade natal menor do que a da grande metrópole, ou seja, “letras pretas impressas em páginas amareladas”, é que Gullar “foge” em busca de uma nova tendência, de um significado para sua produção poética. Na província confrontamo-nos mais diretamente com a natureza. Nas grandes metrópoles confrontamo-nos com as invenções humanas, de tal forma que a ordem do cosmopolitismo não é uma ordem sujeita à natureza.

Moisés (2007), sobre o espaço na poesia, diz que:

A poesia não remete para lugar algum: é a-geográfica. E a própria Natureza que nela pode aparecer obedece ao processo de evocação ou de sugestão metafórica, o que corresponde a dizer que constitui sempre um espaço ideal, meramente referencial, cuja presença não se torna, via de regra, imprescindível para que a poesia se realize como tal (p. 44).

Já Octavio Paz (1972) diz que:

O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra tanto como sua luta por transcendê-la. Esta circunstância permite uma indagação sobre a sua natureza como algo único e irredutível e, simultaneamente, considerá-lo como uma expressão social inseparável de outras manifestações históricas. O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta (p. 52).

Podemos dizer então que em alguns poemas de Gullar – uma parcela desses será vista em breve – não possuem somente uma representação citadina, mas sim uma grande metáfora da cidade. Essas duas visões estão aptas a serem analisadas ao lado de poemas de extração histórica de Gullar em que possuem a cidade como tema, pois o poema é um produto histórico produzido num determinado tempo e lugar, mas o que torna a poesia universal revelando o homem é o transcender histórico, isto é, conforme Paz (1972):

o poema não abstrai a experiência: esse tempo está vivo, é um instante pleno de toda a sua particularidade irreduzível e é perpetuamente suscetível de repetir-se em outro instante, de reengendrar-se e iluminar com sua luz novos instantes, novas experiências (p. 53).

Dessa forma, a representação urbana na poesia de Gullar dá-se na incorporação da experiência do autor pela obra de arte. A mediação da experiência original formada em São Luís atrela-se a um conjunto de experiências posteriores vividas em outras cidades, o que origina a poesia urbana representada por meio da cidade do Rio de Janeiro.

Ao contrário de cosmopolitismo, o termo provincianismo, que ligamos ao eu-lírico de Ferreira Gullar, é aqui adotado para referir-se a uma conjuntura social marcada pela colonização, distante dos centros de decisão econômica do capitalismo tardio, onde as tradições arcaicas ainda não se foram totalmente e a modernidade ainda não terminou de chegar, ou seja:

A modernidade, especialmente a modernidade poética, nasceu como negação da província, daquele universo orgânico, internamente estruturado, intensamente visível em cada uma de suas partes e fechado que é a província (BERARDINELLI, 2007. p. 68).

Assim, buscaremos neste trabalho apontar na poesia de Ferreira Gullar traços que demonstram o sentimento de província e de capital quando o poeta narra sua experiência na cidade. Para demonstrar tal hipótese procuraremos evidências em 4 poemas. Usaremos fragmentos do livro *Poema Sujo* publicado em 1975; os poemas “Primeiros anos” e “Bicho urbano” de *Na vertigem do dia*, publicados entre 1975 e 1980; o poema “Filho da Ilha” de *Poemas recentes*, publicado no século XXI.

A escolha da amostra atendeu a critérios da temática, do espaço temporal que há entre os escritos e, principalmente, por nos depararmos com poemas que refletem instantes na cidade: quer seja em São Luís, quer seja no Rio de Janeiro. Esses fragmentos da realidade representados pelo discurso citadino na obra de Ferreira Gullar é o que se torna material de análise deste trabalho. Todavia, mais que qualquer critério, prevaleceu o interesse pela adequação do conteúdo em relação à premissa desenvolvida.

A escolha de poemas extraídos de livros diferentes pretende demonstrar que mesmo com o amadurecimento poético de Gullar o sentimento de cosmopolitismo e de provincianismo se perpetuam.

A província da ilha de São Luís

A poesia de Gullar versa desde temas políticos a temas do cotidiano e está repleta de estigmas do exílio e das cidades que mais marcaram sua vida: São Luís e Rio de Janeiro. Em *Poema Sujo*, obra publicada por meio da reflexão solitária em Buenos Aires, Gullar retrata com emoção a cidade de sua infância. Temos nesta obra um exemplo da clausura que alimenta o sujeito. São Luís forma a identidade do poeta que se reconhece em cada lugar:

Mas sobretudo meu
 corpo
 nordestino
mais que isso
 maranhense
mais que isso
 sanluisense
mais que isso
 ferreirense
 newtoniense
 alzirense
meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
 ao lado de uma padaria
 sob o signo de Virgo
 sob as balas do 24.º BC

na revolução de 30
e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve (p. 240¹).

Ao construir a narrativa do reencontro de um homem com sua cidade natal, Ferreira Gullar aponta uma possível alternativa para o memorialismo atual. Segundo Dias (1985), aqui a metáfora da cidade “desencadeia o fluxo peculiar da recordação do poema: a memória do corpo forjada na e pela impressão sensível e figurada enquanto precisa palavra da diferença que é cada coisa” (p. 82). A cidade natal é formadora da identidade do poeta. Secchin (2003) sobre *Poema Sujo* diz que essa obra é um “estonteante relato ao mesmo tempo à beira da infância e à beira do aniquilamento” (p. 209). Ainda Dias (1985) considera a obra como um “memorialismo plantado no solo fértil da consciência comunicativa” (p. 94). Já Sérgio Buarque de Hollanda (2008) diz que:

Em Gullar a voz pública não se separa em momento algum de seu toque íntimo, de seu timbre pessoal, de esperanças, das recordações da infância numa cidade azul, evocada no meio de triste exílio portenho (2008, p. XIII).

A cidade de São Luís é recriada a partir da memória do poeta exilado há quatro anos. Em *Poema Sujo* a poesia une-se à memória por meio do poeta-narrador em que suas reflexões sobre a cidade natal emergem a todo instante. Gullar pretende neste poema construir um arquivo de sua infância. Os fios da história, o passado e presente unem-se para construir um novo futuro, o ideal. A experiência de Gullar – poeta, perseguido, exilado, brasileiro, maranhense – supera o singular e torna-se, na poesia, universal, ou seja, a voz angustiada do poeta atrela-se à de outros homens frente a um sistema opressor prestes a ruir.

Gullar poetiza sobre o cotidiano. Sua poesia reflete ações triviais e acontecimentos comuns, que passam despercebidos pelos olhares dos menos sensíveis. Segundo Pilati (2008) “a poetização do cotidiano em Gullar é, portanto, a problematização do ambiente periférico e a reve-

¹ Todos os poemas de FERREIRA GULLAR citados neste trabalho foram retirados da obra *Toda Poesia*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

lação dos sentimentos do autor relativos à consciência de estar imerso em tal contexto” (p. 27). De tal forma, a memória sobre São Luís que transparece em alguns poemas de Gullar está atrelada a situações corriqueiras e, em alguns instantes, aproxima-se do sentimento de depreciação do lugar de origem por retratar pormenorizadamente a cor local, como veremos neste outro fragmento de *Poema Sujo*:

Menos, claro
nas palafitas da Baixinha, à margem
da estrada de ferro,
onde não há água encanada:
ali
o clarão contido sob a noite
não é
como na cidade
o punho fechado de água dentro dos canos:
é o punho
da vida
fechada dentro da lama

.....
Mas o que mais distancia
essa noite da Baixinha
das outras
é o cheiro: melhor dizendo
o mau cheiro
que ela tem como certos animais
na sua carne de lodo

e daí poder dizer-se
que a noite na Baixinha
não passa, não
transcorre:
apodrece

.....
Daí por que na Baixinha
há duas noites metidas uma na outra: a noite
sub-urbana (sem água
encanada) que se dissipa com o sol

e a noite sub-humana
da lama
que fica
ao longo do dia
estendida
como graxa
por quilômetros de mangue

.....
Mas para bem definir essa noite
da Baixinha
 não se deva separá-la
da gente que vive ali

.....
envenenado na lama
que de feder tantos anos
já é parte daquela gente
 (como
o cheiro de um bicho pode ser parte
de outro bicho) (p. 260).

Vemos neste fragmento o retrato de uma favela da ilha de São Luís. Como já é sugerido no título do poema, no excerto acima Gullar apresenta as imundícies da cidade. Reparemos nas palavras que circundam o campo semântico do poema: lama, mau cheiro, lodo, apodrece, graxa, feder. Todas essas sugerem depreciativamente o corrompido ambiente ilustrado por Gullar. O bairro operário é concebido numa visão épica como a da “noite sub-urbana” e “sub-humana” (p. 259).

Sobre esse feio que se torna matéria para o poema de Gullar, Jeudy (2005) diz que:

270

As maneiras de apreensão da cidade têm a estranha faculdade de tirar proveito tanto do que satisfaz os gostos dos cidadãos quanto do que suscita repulsa. A feiura faz do olhar um refém. Não se trata de um exercício coletivo de relativismo consensual, que consiste em achar que o que agrada a alguns pode desagradar a outros. A feiura, valendo por si mesma, passa a constituir um prazer estético (p. 82).

no Maranhão na ilha
de São Luís
ali
dei por mim
nascido
e destinado a viver
(...) (p. 494)

Este poema faz um diálogo com o texto de Gullar que foi citado primeiro neste trabalho, publicado no livro *Sobre arte Sobre poesia (Uma luz no chão)* (2006), pois o poeta reconhece seu potencial artístico em sua cidade de origem: “ali dei por mim nascido”. Surgem novamente neste poema palavras depreciativas, “lama”, “fedores”, como referência para São Luís. O sentimento de solidão aparece unido à ideia de ilha: porção de terra isolada por águas, dessa forma afastada do continente.

Ilustramos este trabalho agora com outro poema de Gullar em que apresenta como uma *viae crucis* sua vida até a chegada na cidade do Rio de Janeiro:

Primeiros anos

Para uma vida de merda
nasci em 1930
na Rua dos Prazeres

Nas tábuas velhas do assoalho
por onde me arrastei
conheci baratas formigas carregando espadas
caranguejeiras
que nada me ensinaram
exceto o terror

Em frente ao muro negro do quintal
As galinhas ciscavam, o girassol
gritava asfixiado
longe longe do mar
(longe do amor)

E no entanto o mar jazia perto
de trás de mirantes e palmeiras
embrulhado em seu barulho azul

E as tardes sonoras
rolavam claras sobre nossos telhados
sobre nossas vidas.

E do meu quarto
eu ouvia o século XX
farfalhando nas árvores da quinta.

Depois me suspenderam pela gola
me esfregaram na lama
me chutaram os colhões
e me soltaram zonzo
em plena capital do país
sem ter sequer uma arma na mão (p. 298)

A única alegoria que nos remete ao belo neste poema, o girassol, é apresentada com sintomas de solidão e de inadequação na situação atual. Esta pode ser uma metáfora do sentimento de frustração sentido pelo eu-lírico.

A última estrofe do poema retrata a chegada do poeta no Rio de Janeiro e o seu estranhamento com a cidade grande. Depois de perceber que a ilha não era mais o seu lugar, Gullar decide apoderar-se de outras realidades para ilustrar sua vida, sua poesia. A ausência da “arma na mão” simboliza o despreparo e a imaturidade do poeta que muito jovem chega na Cidade Maravilhosa.

Gullar chega na cidade do Rio de Janeiro em 1951, na ocasião capital federal, em busca de uma cidade fervendo, de uma cidade construída pela velocidade, pois com essa encurtamos as distâncias.

As imagens que Ferreira Gullar utiliza para ilustrar a cidade do Rio de Janeiro não se aproximam das utilizadas ao se referir à ilha de São Luís. Assim sendo, o cosmopolitismo presente na poesia de Gullar representa o sentimento de modernidade, ou seja, o estar num lugar em que a sociedade é mais desenvolvida.

Sobre a metrópole, Beradinelli (2007) diz:

A metrópole moderna promete e permite tudo, de tudo: uma variedade, a novidade e mistura de experiências que devem ser limitadas por princípio. O universal moderno não é mais fundado na unidade perceptível da natureza cósmica. É o universal das mercadorias e das trocas, da produtividade ininterrupta e da unificação dos mercados, da destruição de qualquer localismo variegado e de estreita província (p. 69).

Trazemos agora para o corpo do texto o poema “Bicho urbano” que retrata uma realidade comum: o homem tão habituado com o ambiente da cidade que não conseguiria viver próximo ao sossego do campo. Neste poema Gullar recolhe fragmentos estilhaçados da realidade, sem com isso compor uma plenitude de existência. Percebemos aqui a confirmação do desejo do poeta por ficar numa cidade cosmopolita.

No poema “Bicho urbano”, ao contrário do que comumente se faz, Gullar compara o morador da cidade a um “bicho”, qualitativo usual em relação ao morador do meio rural: “bicho do mato”. Em Gullar o sentimento urbano está tão arraigado que ele já se sente incorporado no cosmopolitismo. Para o autor não há mais como se separar da grande cidade que aglomera sentido para sua vida:

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade
do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada

Não não quero viver em Pirapemas.

Já me perdi
Como tantos outros brasileiros
me perdi, necessito
deste rebuliço de gente pelas ruas
e meu coração queima gasolina (da
comum)
como qualquer outro motor urbano

A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
este abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça (p. 327).

Embora prefira não habitar numa cidade pequena, Gullar reconhece alguns valores no cotidiano das pequenas comunidades. Para manifestar nesse poema a relação do homem com esses elementos, nas estrofes “e o pão preserve aquele branco/sabor de alvorada”, o eu lírico recorre à sinestesia, em que as impressões sensoriais se mesclam.

Segundo Fonseca (1992), neste poema Gullar reflete sobre a “desumanização do homem urbano em seus processos mecânicos de relacionamento” (p. 90), processos peculiares dos grandes centros citadinos. Esses, ao invés de valorizarem o homem, retiram o que de mais digno ele tem, tornando-o menos nobre. A cidade cosmopolita difere-se da provinciana nas relações humanas: o homem da província vive cercado de pessoas, enquanto o homem da metrópole experimenta a solidão a todo instante.

Considerações Finais

Uma diferença que podemos notar nos poemas que tematizam as cidades presentes na vida de Gullar é que em poemas-provincianos notamos a presença da família (pai, mãe, irmãos, tia), enquanto nos poemas-capitais há uma ausência de laços. Berardinelli, sobre isso, diz que:

Enquanto existe ao redor da província um mundo coeso e visível (uma extensão social da família), na metrópole o eu imerge numa solidão multitudinária, tende a desatar-se de qualquer laço (p. 62).

Percebemos que nestes poemas usados como ilustração do trabalho, Gullar apresenta São Luís como a cidade do isolamento, do desconhecimento, do atraso, da “sujeira”, ao contrário do Rio de Janeiro em que emanam na poesia o eu lírico maravilhado diante da cidade, da evolução, do reconhecimento.

Dessa forma parece que as poesias de Gullar são nutridas por um forte sentimento provinciano quando há referências à cidade de São Luís. Acreditamos que este trabalho seja uma primeira iniciativa de investigação desta temática e recomendamos que seja aprofundada esta inferência em Ferreira Gullar e em outros poetas que trazem para sua poesia alguma referência urbana.

Referências

- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- DIAS, Ângela Maria. A cidade no poema: a fala íntima do tempo coletivo. In: FONSECA, Orlando. Alegoria: modernismo e maturidade na poética de Ferreira Gullar. *Revista Letras* N 3, v. 3, p. 82-93, 1992. Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r3/revista3_10.pdf Acesso em: 12 abr. 2010.
- GULLAR, Ferreira. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.
- _____. *Sobre arte Sobre poesia (uma luz do chão)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- _____. *Toda Poesia*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. Apresentação. In: GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- HÜHNE, Leda Miranda. Poética. In: HÜHNE, LEDA MIRANDA. *Poesia viva em revista*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Uapê, 2007.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *A análise Literária*. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PILATI, Alexandre. *A condição do autor periférico em Ferreira Gullar*. Brasília: CEELL, 2008.
- PORTELLA, Eduardo. *Perfis/Problemas na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.
- REBUZZI, Solange. Escrita e tempo: restos e ruínas. In: HÜHNE, LEDA MIRANDA. *Poesia viva em revista*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Uapê, 2007.
- SECCHIN, Antonio Carlos. *Escritos sobre poesia & alguma ficção*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.